General Tasso Fragoso

Soldado e Historiador

TÁCITO THEÓPHILO GASPAR DE OLIVEIRA (*)

Desloquei-me de Fortaleza a Resende (Rio de Janeiro) a fim de conhecer a Sociedade Civil ali instituída em março deste ano e "destinada a estudar, pesquisar, preservar e divulgar a História das Forças Terrestres Brasileiras (Exército, Infantaria da Aeronáutica, Corpo de Fuzileiros Navais e Polícia Militar)".

Trata-se da "Academia de História Militar Terrestre do Brasil", cujo objetivo é congregar em sociedade aqueles que se dedicam ao estudo e pesquisa dos feitos históricos das nossas forças de terra, reunindo em associação intelectual as lideranças futuras e despertando o interesse das novas gerações. Seu quadro social é constituído pelos Acadêmicos e sócios honorários, beneméritos, correspondentes e colaboradores.

Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, é o Patrono da Academia, e o Colégio Acadêmico compõe-se de trinta cadeiras cujos patronos são militares e civis que se consagraram por suas obras e serviços prestados à preservação dos feitos históricos terrestres.

Seu presidente é o conhecido Historiador militar contemporâneo, autor de um dos melhores e mais completos trabalhos sobre nossa atuação militar nas duas Batalhas dos Guararapes, que restabeleceram nossa soberania no Saliente Nordestino. Refiro-me ao Cel. Cláudio Moreira Bento, este gaúcho que, no dizer de Luís da Câmara Cascudo, Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, "dedica-se a uma campanha de obstinação e patriotismo", qual seja a de "Divulgar os episódios históricos brasileiros de nossa personalidade coletiva na dimensão do Tempo."

(*) Sócio efetivo e presidente do Instituto do Ceará.

A cadeira número 5 tem como Patrono o General AUGUSTO TASSO FRAGOSO, que antes de ser reconhecido como "uma das maiores expressões da historiografia militar, no mundo da língua portuguesa", no dizer do Gen. Tristão de Alencar Araripe, já o era como Capitão Tasso Fragoso. Seu nome atravessara o Atlântico e se tornara conhecido na Alemanha. Ali estagiara o jovem Oficial brasileiro na Usina Krupp, onde se destacara no aprendizado da técnica de "fabricação e montagem do material de artilharia". Quem disto nos dá notícia é o Gen. Pery Constant Beviláqua, que também nos conta, em sua Conferência pronunciada no Recife, em 1945, que Tasso Fragoso havia planejado a construção do Forte de Copacabana. Simultaneamente o Ministro da Guerra pediu à Casa Krupp que mandasse um projeto para a referida fortificação. Responderam os alemães que o Capitão Tasso Fragoso estava em condições de fazer o projeto. Insistiu o Ministro e novo projeto foi apresentado. Ambos foram enviados à Casa Krupp, que opinou pela aprovação do "Projeto do Cap. Tasso Fragoso, considerado em tudo superior ao do Engenheiro alemão"*.

Muito se tem escrito sobre a obra e a inteligência de Tasso Fragoso, em livros, biografias, revistas militares, jornais, conferências.

Em 1958 o Gen. Tristão de Alencar Araripe mereceu o "prêmio Tasso Fragoso" com o livro "Tasso Fragoso, um pouco de História de nosso Exército" (Bíbliex - 1960) é uma obra completa, de quase 700 páginas, escritas por quem ainda Tenente o conheceu e ao qual serviu como seu Ajudante de Ordens.

É ele quem nos diz que Tasso nasceu em São Luis do Maranhão, a 28 de agosto de 1869; de 2 anos teve que aumentar sua idade, a fim de matricular-se na Escola Militar do Brasil, em 1885 pois ainda tinha 16 anos.

Seu pai Joaquim Coelho Fragoso, português de nascimento, comerciante, Comendador e Cônsul de Portugal, era casado com Custódia de Souza Fragoso, filha de português. Em São Luis casaram e ali residiam. Ali, também, estudou Tasso Fragoso até concluir o Curso Secundário, no Liceu Maranhense.

* Gen. A. Souza Junior - nota (2) de "Os Franceses no Rio de Janeiro".

Teria começado a trabalhar imediatamente, como caixeiro, se não fora a intervenção de Temístocles Aranha, pai de Graça Aranha, que a custo conseguiu a concordância de seu cunhado, o comendador Fragoso, e levou seu filho para o Rio de Janeiro, a fim de continuar seus estudos.

Obtida licença para estudar na Escola Militar da Corte o passo seguinte foi assentar praça no Batalhão de Engenheiros, sendo, então, matriculado no Curso de Preparatórios. Deste, passa ao Superior (1886) e termina o Curso de Infantaria e Cavalaria em 1887. Ainda faltava o de Artilharia, que freqüentou no ano seguinte, sendo efetivado como Alferes Aluno, a 26 de janeiro de 1889.

Criada a Escola Superior de Guerra, nela foi matriculado. Mais dois anos de estudos ao fim dos quais passa a Engenheiro Militar, Oficial de Estado-Maior e Bacharel em Matemática, ciências Físicas e Naturais.

Muito se fala na Revolução de 1930 e na discreta atuação de Tasso Fragoso na vida política nacional, quando participou, ao lado do Gen. Mena Barreto e do Contra-Alm. Isaias de Noronha, da Junta Governativa que assumiu o Governo após a queda do Presidente Washington Luís, aguardando a chegada das tropas revolucionárias que marchavam sobre o Rio de Janeiro.

Não foi assim tão fugaz sua atuação na vida política. Ao contrário, ela foi da mais alta importância, se considerarmos sua participação no grupo de militares que seguia a doutrinação republicana de Benjamin Constant.

Tasso Fragoso, ao narrar os acontecimentos que levaram à Proclamação da República, revive o clima de revolta conseqüente do incidente entre o Ministro da Fazenda Ouro Preto e um Oficial que se achava na Guarda do Tesouro; não o encontrando, prende-o, depois de censurá-lo. A maneira como o faz provoca forte reação no Exército. A Deodoro escreve Benjamin Constant, buscando uma manifestação do Clube Militar. Sua popularidade aumenta. Comparece à festa da Escola Militar oferecida aos Oficiais chilenos e seu "discurso foi uma faísca na atmosfera militar; desencadeou a tempestade". Na reunião do Clube Militar do dia 9 de novembro aceitou o encargo de falar pela classe militar. Seguem-se outras manifestações. Conspira-se nos quartéis. Estabelecem-se ligações com destacadas personalidades civis republicanas.

O Cap. Mena Barreto leva Tasso Fragoso à casa de Deodoro que, doente, pouco conversou e deixou Tasso muito preocupado, tanto assim que "ao saber, na madrugada de 15 de novembro, que Deodoro viera secundar Benjamin Constant e se havia incorporado à coluna republicana, exultou de admiração".*

Na noite de 14, altas horas, Cândido Rondon e Tasso Fragoso quebram o silêncio com o tropel de suas montadas, no afã de estabelecer ligações com os elementos comprometidos no levante.

Não se pode negar vocação militar a Benjamin Constant mas foi ele, fora de qualquer dúvida, a figura primordial na pregação e na conduta dos acontecimentos, arrastando a mocidade militar, e conduzindo-a até à Proclamação da República. Por ele nutria Tasso Fragoso grande admiração e amizade.

Vale relembrar as palavras que pronunciou à beira de seu túmulo, em 1930. Naquela ocasião, exalta a figura do Mestre que arrebatava seus alunos "com a magia do seu raciocínio". Prossegue dizendo que dois problemas, de caráter nacional, despertavam interesse: o "da libertação dos escravos e o da substituição do regime monárquico pelo republicano. Como era natural, ambos repercutiam no seio da Escola... Éramos pela liberdade dos escravizados... Compreende-se que também fôssemos republicanos". E ressalta o idealismo da mocidade assegurando: "estávamos dispostos a tudo, a afrontar todas as dificuldades, a desaparecer obscuramente sempre que o Brasil ressurgisse redimido daquele lance. A vida era para nós o menor dos bens se não a não pudéssemos viver com dignidade".**

Após a euforia da Proclamação da República e do término do Curso, Tasso Fragoso entra em licença para tratamento de saúde e vai gozá-la no Maranhão, onde reduzidos eram os partidários da República. Não se envolveu em política. Não obstante, na eleição de 15 de setembro de 1890, foi eleito para a Assembléia Constituinte, pelo Maranhão. Não aceitou o cargo e não compareceu à instalação, nem às sessões. Anos depois, indagado por que assim agira, respondeu: "Patrício, sempre entendi que o militar não deve ser político e que os cargos eletivos devem ser civis; eu só queria ser militar."***

---

* Tristão A. Araripe - O. C. pág. 133.

** História do Exército Brasileiro - vol. 2, págs. 650/2.

*** Tristão A. Araripe - O C. pág. 200.

Encontra-se no Rio quando da eleição para os cargos de Presidente e Vice-Presidente da República. Agitam-se os ânimos e a inquietação chega ao Clube Militar. O Ten. Tasso Fragoso, um republicano convicto, apresenta uma noção que, aprovada, a 23 de fevereiro de 91, restabelece a confiança e permite a votação tranqüila do Congresso e a eleição de Deodoro. Mas, continua difícil o relacionamento entre Executivo e Legislativo; o choque é inevitável. Por fim, Deodoro dissolve o Congresso Nacional (3 de novembro de 91) e convoca eleições para eleger novo Congresso. Não encontra apoio na opinião pública, nem no meio militar, e a 23 de novembro resigna e entrega o cargo "nas mãos de seu substituto legal", que era o Vice-Presidente Floriano Peixoto.

O Gen. Tristão de Alencar Araripe, apreciando, no Capítulo V, de sua obra citada, "O Exército - instrumento político da nacionalidade", diz que "muito se tem escrito sobre o papel das Forças Armadas no movimento que pôs por terra a Monarquia. Nem sempre, porém, situam-se as opiniões em quadro amplo de análise político-social." E acrescenta: "A intervenção do Exército pela mudança do regime não foi conseqüência de insubordinação e de falta de disciplina, nem rebeldia pura e simples dos oficiais.... O fenômeno Caxias de intervenção da força armada sobrepondo-se às discensões e interesses de corrilhos políticos, para restabelecer a ordem e a legalidade, é representativo da mentalidade das forças armadas nacionais, em todos os tempos, a qual só se pode imputar o prejuízo de excesso de conservadorismo."*

Tasso Fragoso foi um republicano convicto, participou do movimento militar, trabalhou pela consolidação do novo regime e por ele arriscou a própria vida.

Em dezembro de 1891, como Tenente de Estado-Maior, foi nomeado membro da Intendência Municipal da Capital Federal e posto à disposição do Ministério do Interior. Eram 7 intendências e a ele coube a de Obras e Viação Geral. Exerceu a função até abril do ano seguinte.

* Tristão A. Araripe - O. C. págs. 161 e 170.

Estudante destacado na Escola Militar conseguiu sempre notas altas em todos os cursos, particularmente em matemática e astronomia.

Estagiou no "Observatório Astronômico Nacional" cujo Diretor Dr. Luís Cruls passou a admirá-lo e o levou mais tarde para integrar a Comissão de Exploração do Planalto Central (17 de maio 1892) a fim de participar dos trabalhos de demarcação do local da futura Capital.

Nomeado a 2 de junho de 93 Ajudante da Comissão de Compras exerce essa função até maio de 95.

Designado Comandante de Companhia do Batalhão Acadêmico, criado, após a Proclamação da República, com a finalidade de defender as instituições, logo entrou de prontidão por motivo da revolta na Fortaleza de Santa Cruz, em 19 de janeiro, e, mais tarde, a 6 de abril, por ocasião do "Manifesto" dos 13 Generais, quando Floriano prendeu os manifestantes.

A 6 de setembro ocorreu a Revolta da Armada. Com a retirada de Custódio de Melo e alguns navios, na Guanabara permanece o Alm. Saldanha da Gama que adere à revolta e ataca Niterói a fim de apoderar-se de depósitos de armamento e munição. A surpresa favorece os desembarques mas os defensores, partidários de Floriano, contra-atacaram.

No dia 9 de fevereiro de 1894, no chamado "Combate da Armação", ao tentar retomar sua bateria Tasso Fragoso foi ferido gravemente; um projetil atravessou seu abdômen e saiu pelas costas. Carregado de morro abaixo, deitado sobre fuzis, foi atendido, mas seu estado inspirava sérios cuidados. Retiram-se os atacantes. Era elevado o número de baixas.

Demorada é a recuperação de Tasso Fragoso e só termina com seu tratamento na Europa. Pelo seu ato de bravura no combate do dia 9 foi promovido, no Corpo de Estado-Maior de 1.ª classe, ao posto de Capitão.

A 2 de janeiro de 1893 foi nomeado Ajudante da Comissão de Compras de Armamento e Material, na Europa. Junto à Comissão técnico-militar, na Alemanha, trabalhando na Fábrica Krupp aprendeu rapidamente o idioma alemão e falando francês e inglês pôde acompanhar a evolução dos Exércitos europeus e fez nascer

sua determinação de trabalhar pelo engrandecimento profissional da nossa Força Terrestre. Hoje é reconhecida sua atuação decisiva neste sentido. Nessa oportunidade conheceu os serviços geodésicos com os conhecimentos que adquirira no nosso observatório e com a experiência ganha nos trabalhos da Comissão chefiada por Luís Cruls. Diz-nos o Cel. Moreira Bento: "Desse estágio resultou, mais tarde, a contratação da Missão Cartográfica Austríaca (MCA - 1920-52) destinada a organizar o Serviço Geográfico do Exército, formar engenheiros gèógrafos militares e apoiar a Carta Geral da República, criada em 1903, instalada e dirigida por Tasso Fragoso."*

No seu regresso ao Brasil foi mandado servir na Diretoria de Obras Militares, onde prestou relevantes serviços na Comissão de Fortificações e Defesa do Litoral, ocasião em que seu Projeto para o Forte de Copacabana foi aprovado.

Faltava ao grande Chefe o conhecimento direto e a convivência com a tropa. A oportunidade surge em setembro de 1911 quando lhe é entregue o Comando do 8.º Regimento de Cavalaria, em Uruguaiana, na nossa fronteira com a Argentina. Além de sua dedicação aos exercícios, passa a conhecer melhor os Exércitos dos nossos vizinhos. Nessa oportunidade estuda o terreno em que se travou a indecisa Batalha do Passo do Rosário, cujo esboço mandou fazer, a fim de iniciar seus estudos sobre o memorável encontro com os argentinos em solo brasileiro.

Acompanha e assessora o Ministro da Guerra Gen. Hermes da Fonseca, em sua visita à Alemanha, (jul 1900) onde assistiram as Manobras do Exército Alemão. Nessa visita nasce a lembrança da necessidade de contratação de instrutores para nosso Exército, idéia que evoluiria no após Guerra.

Já estando nomeado para o cargo de Adido Militar, segue para Buenos Aires, quando difíceis eram as relações da Argentina com o Brasil, em conseqüência do problema das Missões.

Pertenceu à Casa Militar do Presidente Wenceslau Bráz e após deixar o cargo, em 1918, foi promovido a General de Brigada.

Volta novamente à tropa, como comandante da 4.ª Brigada de Cavalaria. Assumiria, depois, a Diretoria de Material Bélico.

* Cel. C. Moreira Bento - A defesa nacional nº. 750 - 1990.

Estimula os trabalhos da Missão Militar Francesa, chefiada pelo Gen. Gamelin, e acompanha seus exercícios inclusive a Manobra da tropa da 3.ª Região Militar. Começava a modernização das nossas forças terrestres. Assume a Chefia do Estado-Maior do Exército.

Fora convidado pelo Gen. Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra do Pres. Artur Bernardes. Muda o Governo, assume o Ministério o Gen. Nestor Sezefredo Passos. Aos poucos discorda da atuação do Ministro e, ao saber que a Lei do Ensino Militar havia sido aprovada sem que o Estado-Maior fosse ouvido, pediu imediatamente sua demissão. Em Carta ao Presidente da República Washington Luís diz que , não lhe sendo mais possível continuar a exercer o cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército, solicita sua dispensa do mesmo. A 24 de janeiro de 1929 entrega o cargo a seu substituto. Quase dois anos permanece sem função, mas não deixa de comparecer ao Ministério.

Ainda voltaria, em 1931, a chefiar o Estado-Maior do Exército, no Governo Getúlio Vargas, sendo, Ministro da Guerra, o Gen. Leite de Castro.

Nas duas oportunidades, como chefe do EME, preservou as Escolas de Aperfeiçoamento e de Estado-Maior da ação revolucionária, opondo-se ao seu fechamento. Deu vida a este órgão, prestigiando a função, que já não despertava o interesse da oficialidade; combateu a burocracia e desenvolveu maior atividade profissional, com a preparação da instrução e a publicação de Regulamentos.

Sua atuação no planejamento da defesa, em diversas regiões, levada a cabo por oficiais brasileiros, sem intromissão dos instrutores franceses, e complementada com exercícios e a participação dos quadros impulsionou o prestígio e o trabalho do EM do Exército. Não se descuida em renovar o Contrato com a Missão Militar Francesa.

Com a Revolução de 1932 desentendeu-se com o Ministro da Guerra, Gen. Góis Monteiro, na conduta das Operações e ações repressivas contra os revoltosos paulistas. Pede demissão.

***

Uma vida tão plena e tão gloriosa, sempre orientada pelo cumprimento do dever, pelo idealismo, pelo desprendimento e,

diria mesmo, pelo altruísmo, vai se completar com o que deixa às gerações futuras, no campo da historiografia militar.

Desde cedo mostra seu pendor para as letras. Sabe o quanto se ressente a organização castrense da falta de conhecimento de nossa história. Quando Adido à Embaixada do Brasil, em Buenos Aires, num período delicado das relações entre as duas grandes Nações sul-americanas, sentiu falta de maiores conhecimentos da História Militar, enquanto acompanhava a trajetória luminosa do Barão do Rio Branco, alicerçada nos seus profundos conhecimentos da História e da Geografia. Lança mão do que encontra e acaba se defrontando com o vazio, com a total ausência de obras confiáveis de que pudesse utilizar-se. Aproveitou o ensejo para dedicar parte de seu tempo ao conhecimento das lutas passadas.

Caberia a Floriano Peixoto mandar que se editasse a obra do Coronel Carlos Jourdan, "História da Guerra do Paraguai", da qual participara como oficial. Vislumbrava Floriano a utilidade que teria tal aprendizado para os jovens que poderiam assim colher os ensinamentos resultantes da nossa experiência na guerra. Era uma iniciativa que merecia aplausos e precisava ter continuidade.

Em suas viagens e missões na Europa viu e sentiu como os Exércitos dalém-mar davam importância à História Militar na preparação dos seus quadros, na aprendizagem dos erros e acertos que o historiador militar procurava ressaltar, com o objetivo de torná-los lições para o futuro.

Seja discursando, seja escrevendo, em tudo deixa seu traço de cultor da História. São conhecidos seus artigos, ao regressar da Alemanha, sobre o Estado-Maior e sobre a formação do Oficial alemão, sobre o Serviço Geográfico e tantos outros ainda hoje citados como uma pregação contra o bacharelismo fardado. Prosseguiria sua doutrinação, iniciada na "Revista Brasileira", no Estado-Maior, que editava a "Revista Militar", passando a abordar temas objetivando a preparação profissional dos quadros.

Conhecido também é seu discurso de saudação ao Barão do Rio Branco, por ocasião da aposição do seu retrato no Clube Militar, o que lhe foi fácil pelo conhecimento da sua obra e pela admiração que nutria pelo nosso querido e sempre lembrado Barão.

Nosso Cel. Moreira Bento classifica como "clássico" o primeiro grande trabalho de Tasso Fragoso, editado em 1922. Trata-se de "A Batalha do Passo do Rosário", polêmico em sua conclusão, pois aceita seu desfecho como uma derrota enquanto meu velho Mestre de história no Realengo, o Gen. Paula Cidade, diz que a Batalha não teve tal desfecho, pois, retiraram-se os argentinos sem serem perseguidos nem terem nos perseguido, o que teria acontecido caso fossem os vencedores. Prefiro e concordo com a opinião do meu velho Mestre, e também com a classificação que lhe dá hoje Moreira Bento.

A polêmica provocada pelo livro recebe severa crítica do ilustre secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mas não fica sem resposta, pois, em 1923 Tasso Fragoso publica na Imprensa Militar "A Batalha do Passo do Rosário e a crítica do Dr. Max Fleiuss" e, no ano seguinte, "Sofismas e Contradições do Dr. Max Fleiuss".

A grande obra de Tasso Fragoso, é sem dúvida "História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai". Os 5 volumes da 1ª. edição (Imprensa Militar, Rio, 1934 -50) foram aumentados para 6, na edição mais recente, da Bibliex (56-61). Não caberia aqui uma apreciação, mesmo sumária, do conteúdo e dos ensinamentos que se encontram a cada volume do estudo exaustivo, que se inicia com as causas remotas e imediatas do Conflito, a nossa intervenção, a declaração de guerra, as operações iniciais na Argentina e no Brasil, seguindo-se o estudo das operações em torno de Humaitá, a tomada de Assunção e, por fim, a Campanha das Cordilheiras.

"A maior e melhor História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, é a de autoria do Gen. Augusto Tasso Fragoso. Seu natural complemento, para a parte diplomática, é o trabalho do mesmo autor" "A Paz com o Paraguai, depois da guerra da Tríplice Aliança. Quem o diz, com toda sua reconhecida autoridade de historiador é Hélio Vianna."

Bastaria esta obra para consagrar definitivamente o Gen. Tasso Fragoso como nosso grande Historiador Militar. Mas não pára aí e continua em grande atividade intelectual e ainda nos brinda com A REVOLUÇÃO FARROUPILHA, publicado pela Bibliex, em 1938, e "OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO", editado depois de sua morte e reeditado pela Bibliex, em 1965.